

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

Between what and what is the subject divided?

¿Entre qué y qué el sujeto es dividido?

Entre quoi et quel est le sujet divisé?

ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

LAERTE DE PAULA

IVAN RAMOS ESTEVÃO

A noção de sujeito, por sua pregnância clínica e epistemológica, inquestionavelmente ocupou uma posição central no trabalho e no ensino do psicanalista Jacques Lacan. E, apesar de muitos desenvolvimentos teóricos derivados desta noção, muitas discussões e confusões se dão no seu estudo e tratamento. A partir disso, intenta-se no presente trabalho apresentar uma série de reflexões e encaminhamentos que permitam a circunscrição e mesmo o delineamento dos elementos conceituais envolvidos nesta larga trama. Ou, mais sinteticamente, se este trabalho tiver sucesso, o leitor terá, ao cabo de sua leitura, uma noção ainda mais fértil de tão múltiplo sujeito.

Palavras-chave: Sujeito. Divisão. Lacan. Psicanálise.

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

O fim do meu ensino, pois bem, seria fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama “sujeito”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista, se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise.

Jacques Lacan¹

Com a palavra, quem?

Sujeito, palavra arisca, cortante, hiante. Presta-se a confusões entre causa e efeito, vazio e substância, fragmento e unidade, intervalo e duração. Também, entre a palavra e o que não é feito de palavra. Tal noção a princípio se ofertaria para fiar algum ser, que Lacan contribuiu para erodir e fraturar, oferecendo a ela outro estatuto lógico.

Mas qual a necessidade de estabelecer o sujeito aí, tão distante de uma sinonímia com a noção de indivíduo? É que o sujeito é outra coisa, está mais remetido a este ponto onde aquilo que não é da ordem da consciência e do conhecimento, bem, *isso* diz.

A necessidade teórica à qual esse sujeito vem atender diz da articulação com o funcionamento do inconsciente. Chamemos de sujeito *do* inconsciente, é uma possibilidade (sujeito *ao* significante, seria outra, ainda mais adequável). Tal sujeito há de ser lido como o efeito que reabre essa dimensão e, para que esta dimensão venha a ser captada, *ouvida*, é preciso que o discurso consciente, o campo do enunciado, experimente um desvio, um transtorno em seus circuitos de significação. É mediante a ideia de um *corte* que tal efeito poderia advir.

Haveria múltiplos eixos para fixar a perspectiva que organizaria tal noção. Citaremos algumas para indicar ao leitor as camadas de implicações que tentamos tratar. Um sujeito poderia ser pensado como função (LACAN, 1998), como conceito (EIDELSZTEIN, 2018), como um ente incorpóreo (EIDELSZTEIN, 2018), como categoria (ELIA, 2010), como operador (ELIA, 2010), como ato de resposta (ELIA, 2010), como modo de produção (ELIA, 2010), como efeito de uma operação lógica (FARIA, 2019), como efeito de sentido (GERBASE, 2009), para citar somente algumas das possibilidades de situar a questão. Não se excluem, mas ajudam a dar contorno ao alcance da noção em jogo.

O motivo pelo qual esta teorização se revela tão importante é que ela subverte algumas categorias com as quais estamos habituados a pensar o falante. Assim, vale

¹ 2006, p. 53.

começar marcando o sujeito como diferente do indivíduo, do cidadão, de qualquer ideia de um ser integrado, perene, uno. “O sujeito de que se trata nada tem a ver com que é chamado de subjetivo no sentido vago, no sentido do que mistura tudo, nem tampouco com o individual” (LACAN, 2006, p. 89). Este foi um termo empregado por Lacan justamente para discriminar e opor-se à noção de individual, já que tal conceito “*não coincide nem com o indivíduo (biológico) nem com a pessoa (social e histórico) nem com o cidadão (legal e político) nem com sócio (coletivo)*” (EIDELSZTEIN, 2018, p. 19). Eidelsztein (2018, p. 100) recomendaria, inclusive, pensar o sujeito antes como “um ente que, sem perder a condição particular, existe somente em sobreposição, interferência e mistura com os outros e o Outro”. Tal autor está propondo articular aqui a vizinhança entre as construções de Lacan e os modelos da física quântica. A ênfase dada aponta para o fato de que, para pensar o sujeito que interessa à psicanálise, convém considerar que “não se trata de indivíduos tridimensionais, mas de entes incorpóreos entrelaçados mutuamente” (EIDELSZTEIN, 2018, p. 100).

Entes entrelaçados: não existe unidade, não existe substância, não existe individualidade. Por estar em relação de mistura com o Outro, “significa que nada pode se postular como exclusivo de ‘um’ sujeito individual ou singular” (EIDELSZTEIN, 2018, p. 104). Além disso, se damos destaque aqui à dimensão incorpórea da noção de sujeito, é porque o sujeito ao qual buscamos dar contorno não tem corpo, não ocupa um lugar no espaço físico, não tem idade, não é contínuo no tempo (TEIXEIRA, 2019). Ademais, trabalhar com esta função implica em renunciar a qualquer possibilidade de verificação ou referência empírica.

O campo da causa

Importa reconhecer que o sujeito, tal como o postulamos, é acompanhado de uma ação fundante, *constituição* que não acompanha os parâmetros biológicos ou evolucionistas de desenvolvimento. É preciso, então, conceber o sujeito segundo “*um modo de produção que não é nem inato nem aprendido*” (ELIA, 2010, p. 31), mas que acontece somente como efeito em um campo de jogo com o Outro.

É daí que um dos modos de apreender esse lugar de causa refere-se ao campo do Outro: lugar da linguagem, sede do código da língua, lugar do inconsciente, lugar do tesouro dos significantes (todos, menos um). Outro que adquire, a cada época, para cada um, uma encarnação histórica sempre particular (EIDELSZTEIN, 2018, p. 18): como

mãe, pais, professores, líderes políticos e religiosos, o time de futebol, o parceiro amoroso, as ideologias sociais, o analista, a escola de psicanálise, o cachorro etc. Melhor então seria tomar este Outro como o campo por onde cada falante precisa passar para se constituir, devendo alienar-se a tal código simbólico para fazer-se representar, sempre de forma parcial, sempre em jogo, sempre como mistura.

O próximo marcador colocado em posição de causa, podemos encontrá-lo no texto *Posição do Inconsciente*, quando Lacan destaca “o peso que conferimos à linguagem como causa do sujeito” (LACAN, 1998, p. 844). Contudo, merece destaque o fato de que Lacan marcou o lugar do Outro como faltoso de um significante, circunscrevendo com isso a falta inerente à própria estrutura de linguagem que o Outro sustenta. Ofereceu um símbolo conhecido para isso: *A*, falta intrínseca, um significante que o Outro não detém (ao que acrescentamos: sobre o ser e o desejo do sujeito), donde propõe deduzir uma conclusão lógica: o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Onde o desejo do Outro é opaco, uma hipótese haverá de ser suposta, imaginada, ficcionada.

Para nossos fins, basta que leiamos esta proposição como condição lógica necessária para articular a possibilidade de convocação desse *falante por vir* à palavra. É porque existe essa impossibilidade estrutural na linguagem que o falante pode se arriscar a advir no discurso e tentar dizê-la, preenchê-la, consertá-la, esgotá-la.

Deste modo, uma das formas de se pensar o sujeito será como resposta à experiência com esta falha, condição da estrutura. Toma-se a palavra porque se constatou uma impossibilidade de nomeação no campo do Outro. Toma-se a palavra para dizer: ‘*algo não está dito*’, ‘*algo falta na linguagem*’. Toda amarração neurótica, psicótica ou perversiva, para Lacan, constituiria um modo de resposta, de arranjo diante do modo como essa descoberta foi tecida. Descoberta esta que ficamos por tentar refazer a vida toda, já que toda fantasia vem fabular sobre este *vago*.

Através desta via de abordagem, podemos recolher um terceiro marcador que ocupa lugar de causa do sujeito: o Real. “A estrutura da linguagem inclui o real como causa”, diz Faria (2019, p. 21). Pensar o real tal como proposto por Lacan parece fundamental porque serve para marcar um limite ao sujeito. Mais que um limite, uma impossibilidade: o sujeito não pode ser dito. “Ele” diz, mas não pode ser dito. É um dizer que exclui o ser que o fiaria, o ser que também falta ao Outro. Causa abolida, é a própria experiência da vacilação produzida na tessitura significante, pois fura e faz falha. Farfalha.

Propriedades e coordenadas do significante

Precisaremos passar aqui pelas coordenadas do significante, visto que é justamente nesta articulação que situaremos o sujeito, consoante à fórmula canônica lacaniana: “um significante é o que representa o sujeito para outro significante”, conforme desenvolvido em *Subversão do sujeito* (LACAN, 1998, p. 833).

De saída, o significante não significa nada sozinho, sequer possui qualidade própria, só funcionando em relação. É índice de uma pura diferença: distingue-se somente por ser aquilo que os outros significantes não são. Por se lhes opor. Desta forma, não remete aos objetos, mas a outros significantes. É na fricção e encadeamento com outros significantes que os significados se produzem – isto é, se inventam (não mais que imaginariamente, é claro).

Destaca-se também o fato de que o significante não é uma palavra, pode estar referido a uma frase ou mesmo ao silêncio. Não está atrelado a nenhum referente unívoco ou perene. Daí a necessidade de Lacan apontar a impossibilidade do significante ser idêntico, inclusive, a ele próprio. É desse traço fugidio, um x qualquer, não idêntico a si mesmo, índice de diferença, em articulação com outro x (já não o mesmo), que o sujeito é um efeito.

É preciso pensar ainda na implicação da inscrição do traço que representaria esse primeiro significante. Usando o exemplo do caçador de antílopes no seminário 9 (inédito), Lacan estabelece que este traço é estruturado para significar uma ausência: representa algo que *não está lá*. Nesse sentido, o significante possui papel mediador, servindo para “completar as hiências de uma significação que não significa nada” (LACAN, 1995, p. 338).

Elia (2010) salienta que são os significantes que engendram o sentido, que fazem significar, mas não individualmente, independentemente, mas somente articulados em relações de diferença. Estas questões adquirem maior relevância e consequência à medida que se enlaçam com as implicações possíveis do desdobramento de uma frase, o significante só tendo seu valor determinado pelos pontos de um encadeamento discursivo onde é articulado.

Seguindo na trilha da relação dos significantes com a produção de sentidos, Anne Carson (1986/2013, p. 107) marca os poderes que a metáfora torna disponíveis como atrelados à dimensão de subversão de um arranjo existente: “o sentido metafórico

funciona mediante uma violação do código de pertinência ou relevância que rege o acréscimo de predicados no uso ordinário da linguagem”, isto é, “a violação permite que do colapso do significado ordinário emergja uma nova pertinência ou congruência, que é o significado metafórico”.

Viemos, apenas um pouco, a afirmação de Carson emprestando aí a nossa: o sujeito é uma violação. E o sujeito é o efeito violado. Que nosso texto respalde esta leitura, pois Carson é certa ao permitir localizar o sujeito como índice da violação necessária à sua feitura: é a partir da dimensão de violação e queda do significado ordinário que permite que uma nova pertinência emergja. Um sujeito é rasgo no ordinário.

Alienação, separação e temporalidade

Esse campo dialético onde o sujeito vem se fazer é descrito em Lacan pela dinâmica de alienação e separação, procedimento sem o qual o sujeito ficaria excluído da fala. A alienação que se marca aqui é irreduzível, não pode ser superada, e diz da necessidade do sujeito passar pelos significantes do Outro, somente assim podendo advir na fala. Como diz Derrida (2016, p. 23) em prosa: “Eu não tenho senão uma língua, e ela não é minha”, ou Ana Martins Marques (2018, p. 1) em poesia:

Estar na língua como numa

Casa louca

Que obriga ao abrigar

A linguagem é essa *casa louca* diante da qual, para obtermos algum abrigo, precisaremos cumprir com a obrigação que ela nos impõe: habitar a palavra, ato que só se faz mediante o corte. Daí, a produção do sujeito como efeito e sua articulação entre os tempos de alienação e separação são tributários de uma noção de temporalidade circular, atrelada à condição de diacronia do discurso. É Teixeira (2019) quem destaca que um significante só toma sentido no desenrolar do texto.

Vale dizer que o que sustenta esta aposta do falante por vir, é a perspectiva de união com o Outro; entretanto, a partir das faltas que se manifestarem em toda cadeia sustentada por esse Outro (representado pela marca de sua incompletude e inconsistência: *A*), o sujeito é convocado a habitar e a produzir algo que responda à descontinuidade encontrada nesse intervalo. É em modo de um impasse que o sujeito, a partir daí, divide-

se e se figura como barrado: pela separação, propõe Viviani (2010, p. 90), aparece o sujeito (\$) “como sujeito que deseja e que, portanto, perdeu alguma coisa. No mínimo, perde sua definição do ser, já que não é mais possível definir-se como sendo o objeto do desejo do Outro em função da presença da falta no Outro (\bar{A})”.

O sujeito é o que se oferece nesse intervalo, na decisão de *dizê-lo*, para fazer de si o símbolo da ausência verificada aí. Lacan diz que “o sujeito se realiza na perda em que surgiu como inconsciente, mediante a falta que produz no Outro” (LACAN, 1998, p. 857). É neste ponto que o desejo habita e opera: no ponto vazio de significação onde podemos nos perguntar: o que o Outro deseja, o que lhe falta?

Para o efeito desta operação, continuamente repetida, propõe-se uma boa nomeação para pensá-lo: “O sujeito está pungido pela falta do objeto, está furado, ferido, estimulado, incitado, magoado etc. pelo objeto causa do desejo” (VIVIANI, 2010, p. 90). É tentando se apreender nesses intervalos que o sujeito busca encontrar respaldo para sua condição como objeto de desejo do Outro. Fazer-se no lugar daquilo que falta ao Outro, como oferta de recobrimento dessa falta. Por ora, é preciso iluminar o ato e escandir o modo central de tal operação.

Corte, divisão, apagamento, furo

Se no lugar de causa que dá condição ao advento do sujeito nomeamos o Outro, a linguagem e o real, como precisar melhor esse instante onde o sujeito, como resposta, se realiza? Uma primeira direção: como perda, como Lacan atesta em sua conferência em Baltimore: “o sujeito é a inclusão de uma perda no Real” (LACAN, 2020, n. p.).

Introduzir-se como perda é o produto de um ato de corte. Melhor dizendo, o sujeito se produz *no* corte, *como* corte. Só advém dividido, como fragmento. Elia (2010, p. 62). perfaz uma volta: “O sujeito é o nome de algo cujo modo de existir é a elisão, a barra, a abolição, operações pelas quais o sujeito se constitui e se realiza na experiência” Isso quer dizer que, para que fosse produzido via uma articulação entre significantes, o sujeito precisou cindir-se. Alojarse em um intervalo.

Aliás, foi para responder a impasses sobre essa operação de cortadura que Lacan recorreu à topologia para melhor transmitir estas implicações. Já distante de significar um corpo tridimensional, o sujeito aqui está remetido a um efeito de articulação linguageira, corresponde a uma operação bidimensional (não tem profundidade, tampouco interior ou

exterior). É neste sentido que o sujeito tem a estrutura de uma superfície topológica, que Lacan figurou através de sua banda de Moebius.

E o que o sujeito perde para se constituir? Alguns encaminhamentos podem ser dados a essa pergunta. Sabemos que Lacan dedicou-se a uma posição anti-ontológica, trabalhando a noção de sujeito justamente como antítese a qualquer defesa de *ser*. Aliás, forneceu algumas indicações que destacam esta dimensão do sujeito como evanescente, como pontual, como localizado em uma síncope, como eclipse, como marcado por um *fading*. São todas definições que retiram o sujeito de qualquer aspiração a uma perenidade ou substância. Deste modo, sujeito é a encarnação de alguns paradoxos: afirma desaparecendo, diz furando, aparece cortando-se, inclui expulsando.

Refinemos esse dizer: um sujeito corresponde a cada articulação destes lugares entre os significantes. Por este motivo é que Lacan aponta que o vivente não pode jamais advir por inteiro na fala: “Ele só está lá nos intervalos, nos cortes. Cada vez que quer se apreender, nunca está senão num intervalo” (LACAN, 2016, p. 409).

É nesse território que Miller (2015, p. 63) propõe o melodrama de que a neurose padece, ao marcar o mecanismo segundo o qual cada falante se constitui como excluído: “É, verdadeiramente, a significação mais comum... a exclusão é o estatuto original do sujeito, é o que o matema de Lacan escreve – sujeito barrado (\$). O sujeito se produz como menos um (-1)”, podendo permanecer excessivamente capturado pela dimensão imaginária dessa exclusão (acreditando, inclusive, que haveria como *não* ter sido excluído). Ora, o sujeito só é invocado a esta resposta para apontar, de forma necessariamente atrasada, a falta da qual se fará encarnado: ‘Sou a falta que li e que produzi ao dizer’, ao que se acresce... ‘e me faço como proposta de seu preenchimento’. Exuberante oxímoro: contradição tão lógica quanto fundante.

Lacan (1998, p. 857) é certo nesta combinação: “É por sua partição que o sujeito procede à sua parturição”. O instigante desta formulação é que, para a psicanálise, este gesto só pode ser pensado em sua radicalidade mais ativa: é impossível antecipar em quais *intervalos* um sujeito se fará habitar, onde se produzirá essa incisão pela qual se fará como representante de uma perda, com o que Gerbase (2009, p. 104) conclui: “É o sujeito quem decide o sentido traumático de cada significante”. A própria perda com a qual o sujeito opera depende de uma escolha insondável, e o sujeito é justamente o operador que permite supor que... então, *houve* escolha.

Outros nomes do corte: um significante, ao se articular, fura, faz buraco, perfura, bordeja. É aí que o sujeito se revela como ato, via um furo que se produz por não dar conta de, pela linguagem, completar o significante faltoso. Sua marca há de ser pensada como essa herança de um mal-estar em torno de sua impossibilidade. É deste modo que a realidade deverá se constituir como ficção para o falante. Como dizer, então, sendo que o dizer produzirá furo e descompletará a língua? Haja astúcia e coragem (para suportá-lo) ou paixão (para ignorá-lo)!

E afinal, um sujeito *conhece* algo? Acumula saber, histórias, marcas? Todo este texto vem fazer obstáculo a essa conclusão. O corte é, desde então, condição pela qual só é possível significar aos poucos, e cada novo significado rearranja e desloca os significados anteriores, reabrindo o jogo ao seu potencial de infinitização. Fragmenta para veicular sentido. A cada ligação produzida, desloca, produz-se como parte, não é *cumulativo*, só se faz na medida em que consente em se fazer partido, perdido. Dividido entre ele e ele mesmo, abrindo mão do acesso a um utópico referente último.

Operação decisiva: com os restos de nada, recolhe-se um objeto, feito de... nada, sem inscrição possível, que é alimentado e que pulsa a cada tentativa de incursão à linguagem para nomeá-lo. A chegada desse universo significante gradualmente apresentado suscitará um gesto de resposta, isto é, uma tomada de posição diante dos significantes ofertados. Por esta via, o sujeito está tanto no *ato* de resposta como em seu *fragmento* de efeito. Dito de outro modo: o sujeito é a resposta que decide por um sentido não dado. É aquele que significa: tomou partido, partiu-se. Cortou-se pelo trabalho imposto ao significante, justamente por este não significar nada por si só. É aí que Elia (2010, p. 37) postula que tal trabalho de significação “é feito pelo sujeito. Nesse sentido, o significante pode ser entendido como aquilo que convoca o sujeito, exige o trabalho do sujeito em sua constituição”.

Da operação de divisão, junto sacrifício feito ao *logos*, sobra um resto, um resíduo, não assimilável pelo Eu como imagem especularizável ou articulável. Esse resto, Lacan o denominou *a*, marcando esse objeto como para além de qualquer definição de objetividade. Objeto por definição incognoscível, não tem imagem, não tem palavra, mas seu saber produz efeitos. É justamente este resto que adquire função lógica e de causa sobre toda engrenagem desejante, aí onde Lacan o denominou de objeto *causa do desejo*. Mas não é que se possuiu esse objeto para depois perdê-lo. Jamais foi perdido, jamais foi possuído. É simplesmente o efeito produzido pela tomada da palavra, pela alienação à

ordem significativa. Ao tentar nomear o que não passou na trama significativa é que o objeto é instituído como perdido. Por incidir como faltoso é que causa o desejo. O efeito de desejo brota nesse corte, recorte, separação, suspensão. Secção que, ao seccionar, cativa, atíça, produz gozo. Poderia muito bem incluir o seccionar no próprio fundamento sexual: seccionar, sexionar.

Acontece que não queremos rasgar, diferir. Resistimos, evitamos, amaldiçoamos. Não existe bem um por quê, simplesmente não se quer. O vazio convoca a colagem, embora nenhuma colagem o liquide. A psicanálise não foi mais longe do que dar a isso o nome de paixão. Há uma paixão estrutural em não rasgar. Irônico, pois trata-se justamente de uma paixão por ignorar a própria condição de sua existência.

De todo modo, a tira, a faixa rasgada diz algo. Diz como perda. Como eco que insiste, e que só insiste porque não se diz todo. Não haveria nada a dizer, se pudesse.

Ademais, não sabemos rasgar, e ainda bem que rasgar independe de saber. Aliás, o saber é o que faz oposição ao rasgo. O saber (e o sentido) tampona, como Lacan diz no seminário 24 (inédito). O sujeito ganha voz quando divide, quando faz perder, quando separa, intervala. É no interstício das palavras, em seu poder de referência e desvio, em sua confusão e ambiguidade, que algo rasga para decidir, precipitando algo que não está inscrito. A palavra mais potente é a que falha em nomear, aquela que faz-que-pode, mas falha. Elide, deixa a desejar.

Seu advento é a própria descontinuidade em operação. Quando a continuidade dos sentidos comungados não funciona, é aí que o sujeito é convocado a surgir. Causa e efeito não se encontram, jamais. Se há sujeito, a causa manca. Inês é morta: um sujeito é a perda da causa. Ou como Quignard (2019, p. 57) propõe: “Sou um relicário cuja relíquia escapa”. Nesta esteira, algo não consta em sua própria feitura, eis o sujeito. Jogo sem substância. Um ponto, um lugar sem conteúdo. Falha da comunicação, separante.

Afinal, haverá que transmitir essa cortância pela qual o sujeito advém. Essa agudeza. Esse gume. Como afiar? Como ouvir (e fazer ouvir) o cortado? Ouvir o corte modifica algo, nisso um analisante haveria de apostar. Daí, haverá que incitar o advento. O rasgado? (Chega-se algum dia aí?) Sujeito é rasgado, melhor dizer assim. Assim superaríamos pelo menos essa ambiguidade infértil e cansativa que tenta colar um sujeito à unidade platônica, essência ideal. Por que não rasgasser? Serrados. S-errados. Ser-rante.

Talvez o mal-estar não fosse mais do que uma suposição, um gosto azedo que atribuímos à experiência do que não se inscreveu. Mas nem o azedo existe, é apenas uma

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

palavra para ludibriar outra coisa. É de se assumir que todo impossível de se inscrever faz doer? Dor na anatomia do significante: faz ferida, cicatriz, chaga, ódio, conspiração.

Mas, enfim, é entre o quê e o quê que o sujeito se divide?

Certa vez, Miller ficou duas horas nos torturando com: “Ok, é entre o quê e o quê que o sujeito está dividido?” E, beleza, nós passamos por isso e chegamos à única resposta consistente: não é entre isso e aquilo para Lacan. Não é: você tem uma parte consciente e, aquele iceberg estúpido, ficando o inconsciente abaixo. É entre... bem, Miller citava um dos... acho que era Gilbert Ryle, ou algum outro dos filósofos empiristas ingleses..., que dizia: imagine ir cortando infinitamente um objeto pela metade, sempre pela metade: metade, metade da metade, e assim infinitamente. O resultado é que... claro, isso é empiricamente impossível... Ao final, você chega em um ponto onde – lembre-se, você sempre dividiu na metade –, mas o que você consegue não é uma coisa e outra coisa, mas uma coisa e nada, saca? E é isso que... é isso que é a divisão do sujeito. Nesse sentido o sujeito é dividido entre uma coisa e nada. (ZIZEK, 2014).

Sejamos práticos (por assim dizer, praticamente insanos – por tentativa de transmissão, em retomada e com oclusão reflexiva): sujeito nem é dividido, sujeito é divisão, é a própria cisão. Não há o todo, o Um sujeito. Menos ainda agente, ativo, atuante, precursor e executor. Quando muito, é função, é buraco, é efeito: “não sou um poeta, mas um poema. E que se escreve, apesar de ter jeito de ser sujeito” (LACAN, 2003, p. 568). Hipótese?

Ao enunciar que o significante representa o sujeito para outro significante, Lacan diz que o sujeito nunca será senão a hipótese com a qual se deve contar como *um a mais* nesse intervalo, e que o sujeito se institui na sua destituição, vale dizer, o *fading* da aparição evanescente de uma manifestação do inconsciente, de uma gafe, de uma abertura que se fecha quando se tenta apreendê-la. Não existe subjetivação do sujeito, e quando, para simplificar, dizemos que o sujeito fala, significa que ele é falado e que o “eu” está dividido (PORGE *et al.*, 2015, p. 77).

Aliás, então, ‘Eu’ não está dividido, está é amputado. Não é despedaçado, é sem pedaço mesmo, “O Ego é uma mutilação” (MAGNO, 2019, p. 67) e “todo mundo é frankenstein” (MAGNO, 2019, p. 69). “*Indivíduo* não existe, é uma mentira, um conceito morto... Todo mundo é *divíduo*, rachado e misturado” (MAGNO, 2019, p. 80). Mas note

que não se trata de defeito: “Não podemos dizer isto de Lacan, pois seu sujeito é apenas um buraco e não tem configuração permanente. Sua única permanência é de, enquanto buraco, sempre estar lá. Os lacanianos, entretanto, começam a enfiar significação no seu buraco” (MAGNO, 2019, p. 131). Pois é, pois bem, e ficar aí no mundo falando de sujeito só pode dar no quê? Daí que precisaria de cuidado para disso escrever – caso fosse possível não falar besteira. Mas o que se colocar só tende a inflar, a encher, com mais sentido e significação. Tapar buracos. Suturá-los. Como dizer sem dizer? Como dizer sem dizer demais? Como desdizer sem dizer de novo? Tirar sem pôr? Uma escrita para sujeito? Uma escrita para-divisão!

Quando é pego, já é tarde. Já passou, já foi. É o futuro do pretérito? Ou seria, como hipótese, a pretensão de futuro? A aposta de que estará lá, sempre lá – isto é, sempre lá poderá aparecer, embora não necessariamente. É mais *to pretend* que pretender mesmo. Quer seja: ‘*to pretend*’, ‘*speak and act so as to make it appear that something is the case when in fact it is not*’: ‘*I closed my eyes and pretended I was asleep*’. Futuro do *pretend*, do fazer que fez, fazer que fui sem ir (pois que ir não há).

Mas, está bem, quer dizer que há sujeito? Como dizer? Tem o “efeito sujeito”. Em Lacan, podemos encontrar “*L’effet de groupe est contraire à l’effet de sujet*”, no ‘Discurso de boas-vindas em 15 de março de 1980, na abertura da reunião no PLM Saint-Jacques’ (inédito), sem maiores precisões. É efeito de quebra, de descontinuidade. Efeito que recolhe a falha anterior. Subversão do sujeito, contraparte do Universo do indivíduo, é inverso de posição: se indivíduo está antes lá, fazendo, sujeito só aparece na outra ponta, no fim, no efeito da ação – bem entendida como sem causador específico. Indivíduo é a mentira que se supõe causa das coisas. Sujeito não causa nada, é causado, mas nem vira coisa. Como suporte, até se presta a alguma função. Afinal, já o disseram: “um sujeito é primeiramente aquilo que fixa um evento indecível, porque assume o risco de decidilo” (BADIOU, 1994, p. 45). Mais axiomáticamente: “Um sujeito é aquilo que desaparece entre dois indiscerníveis. Um sujeito é o lance de dados que não abole o acaso, mas o efetua como verificação do axioma que o funda [...] O sujeito de uma verdade é propriamente in-diferente” (BADIOU, 1994, p. 46); de modo que, totalmente dessubjetivado, poderia se dizer covardemente (pela cobardia do exemplo) que “por exemplo, a obra de Sófocles é um sujeito para essa verdade artística que é a tragédia grega” (BADIOU, 1994, p. 46), considerando-se que sujeito seja, assim, o suporte e a suportação de uma verdade, de um processo de verdade – é nele que se processa uma

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

verdade, em sua pretensa monstruação. Sujeito monstua, inevitavelmente, não só semanalmente (pode ser só anualmente ou diariamente – e mesmo sem periodização). E suporta não saber. Não sabe de si. Quem sabe? Ninguém sabe. Apesar de que isso já é coisa de filosofia, de modo que interessa pouco. Quem quer saber, vá lá saber. Psicanálise namora furo, barca furada, com zona erógena, não “verdades” ou “conhecimentos assépticos”, embora estes últimos estejam mais ao lado da ciência, da consciência de luzes. Aqui, sujeira é normal. E basta ficar com “*Indiferenciação*: procurar jogar com todos os repertórios de modo a não tomar nenhum como si-mesmo, como seu. Os repertórios que briguem entre eles, pois *Eu* nada tenho a ver com isso. E quem é *Eu*? Não faço a menor ideia” (MAGNO, 2019, p. 133). E para uma última precisão temporal:

Não tem sujeito. Pessoa tem. Ela é um boneco, um títere. É Primário, Secundário e Originário, tudo funcionando e, daí, saindo resultados. Mas se nos afastarmos e dissermos “fulano é”, veremos que não é assim. Lacan começou a dizer isto, mas em seguida colocou o sujeito. Dizia ele que “não falo”, mas “sou falado”. Entretanto, nem se deveria dizer “sou falado”, e sim “está falando”, “está pensando”, como se diz “está chovendo”. Tomem, por exemplo, o júbilo da criança com o cocô ao dizer “fiz cocô”, quando foi o cocô que a fez (MAGNO, 2014, p. 142).

A chupeta faz a boca. E é a ponte que faz o buraco (bicho não faz ponte, atravessa à nado ou à galope). E tem coisa nisso de psicanalista antigo, não?

Muito antes de 1909, formara-se em mim a convicção de que a distinção entre corpo e a alma é apenas uma diferença de nome e não de essência; que o corpo e a alma são alguma coisa de comum, que neles habita um Isso, uma força pela qual somos vividos, enquanto nós acreditamos viver (GRODDECK, 1994 [1917], p. 5).

Reafirmado em resenha:

Há sempre e por toda parte bactérias, diz Groddeck, mas quanto a saber em que momento e de que maneira o ser humano vai recorrer a elas dependerá de seu querer inconsciente. [...] Uma unidade grandiosa rege o mundo, a dualidade entre corpo e a alma é um preconceito. O corpo inteiro pensa; os pensamentos podem exprimir-se sob a forma de um bigode, de um calo no pé e mesmo de excreções. [...]; é impossível falar

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

de um 'Eu', não se vive mas se é 'vivido' por um Algo (*ein Etwas*) (FERENCZI, 1993, p. 132-134).

Lacan re-novou? Foi re-novado? Renomados são estes psicanalistas. Freud é sonhado por sua obra, a Interpretação dos Sonhos. “Ele” é parte do efeito da obra, assujeitado dela. A saber:

Estamos no assunto do impasse: lá no começo, estávamos às voltas com o sonhar, o sonhado, o relato do sonhado, o sonhador, o relator do sonhado sonhando que o relato é mesmo do sonhado e, no fim das contas, o sujeito do sonho enquanto sendo tão bem o sujeito do inconsciente quanto, do inconsciente, é o sujeito que é revelado pelo não se saber que é sonho contar um sonho, que é sonho querer que se interprete um sonho (MELLO, 1987, p. 127).

Fácil? Sonho produz sonhador, mas sujeito é alteração do sonhado produzido pelo sonhar, este último *Algo* que se dá longe de ser só pelo olho fechado do anoitar. É do sonhar ali se dando que se trata – aqui, agora e sempre. Difícil mesmo é ser sabido por isso – já que ser atravessado é muito pouco. Deixar aquilo nos saber? Ser sonhado pelo sonho? Ser alterado por aquilo querido e crido. Mas que chegou ao fim. Como se chega ao fim daquilo que tende sempre a se eternizar, que quer para sempre? Se deixar, infinitiza. Daí o processo, marco decidido de antes de depois. Decidido por um sujeito? Claro que não! Decidido por divisão. Dividido por tensão. Destino em sujeição. A Coisa nos divide. E quem fala ‘nós’ é sempre um ‘eu’ só, falando por dois ou mais, falando em nome de tantos mais – aí não está certo, não é justo. Fica fácil. Então: não, não “nos” divide. Sintomaticamente.

Como diz no seminário 23, “o sujeito nunca é mais do que suposto” - *le sujet n'est jamais que supposé* –: ‘o sujeito é apenas suposto’ (LACAN 2007, p. 49). Uma suposição, uma suposição. Uma hipótese, de trabalho talvez. Supõe-se para trabalhar, mesmo que não esteja. Uma impossibilidade. Uma hiância entre ímpares. “Lacan é brilhante ao dizer que estamos falando com um buraco” (MAGNO, 2014, p. 132).

Freud jamais falou em sujeito. Nós todos caímos nesse (es)goto: todos temos a instalação de sujeito dentro de nós. Há que fazer muita análise para, de repente, perceber que o conceito não nos cabe. O sujeito de Lacan é cada vez mais abstraído de um sujeito psicológico ou mesmo material. É uma função. Por ser esperto, ele continuou com o sujeito,

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

mas com a definição mais indefinível: é um troço que está entre dois significantes – mas só de manter o nome e a permanência de algo que está entre dois significantes já irrita (MAGNO, 2019, p. 130).

Mesmo hiância que não se faz representar, que não se deixa ou não se pode encerrar, fica ainda em certo conexo, encadeado e encadeável, pura chave de cadeia. É psicose que desencadeia, apesar do desejável significante fora de sentido. Mas haveria sujeito na psicose, esquartejado que fosse?

Jacques-Alain Miller: A clínica das neuroses e a clínica das psicoses, necessitam elas as mesmas categorias, os mesmos signos? Uma clínica das psicoses, entende você que possa tomar seu ponto de partida de uma proposição como: "o significante representa o sujeito para outro significante, com o que disso resulta em relação ao objeto a? \$, a, S1, S2, são termos apropriados à clínica do psicótico?

Jacques Lacan: A paranóia, quero dizer a psicose, é para Freud absolutamente fundamental. A psicose é aquilo frente a qual um analista não deve retroceder em nenhum caso.

J.-A M.: Na paranóia o significante representa o sujeito para um outro significante?

J. L.: Na paranóia o significante representa um sujeito para um outro significante.

J.-A. M.: E poderia situar aí *fading* (“evanescência”), objeto a...?

J. L.: Exatamente.

J.-A M.: Teria que demonstrá-lo.

J. L.: É verdade, teria que demonstrá-lo, mas não o farei nesta noite. (LACAN, 2021, p. 9-10).

Alguém não faz cadeia, em absoluto? Melancólico demais? Demasiado esquizofrênico? Autista em demais afasia? Sujeitos insuportáveis, da ordem do insuportável, que não suportam nem querem suportar, ou encenar, ou mostrar, ou decidir, ou evanescer dividido.

Infalável sujeito da enunciação, que nunca será dito, que eu tenho que tirar para poder enunciar – ficando, assim, sempre de fora, mais que hiância tida entre, isto é, entretida. Descompleto o tesouro dos significantes para dizê-lo, mas nenhum grupo se forma sem exclusão, por paradoxal que pareça. O que põe excluído faz o grupo, com(o) a exceção que faz a regra: tirando todos os defeitos, é um lindo sujeito.

Se a história da humanidade passou e perpassou de um realismo ingênuo, onde o objeto mundano estava garantido, à invenção da observação executada pelo observador,

quando então se desconfia do objeto e se passa a confiar no olho que vê; olho de quem? De Deus, o sujeito príncipe? Olho que pensa, logo é. Nome do nome do nome. Sujeito garantido pela dúvida – nem sei se nada sei, mas sei que duvido. Enfim, ao Fim da história, razão última. Até que se estrutura um término de sujeito, um descentramento radical, ‘morte do sujeito’, com determinismos esculturais. Sujeito imprestável, então. Joga fora. Ou mantém. Mas como?

Se fizer ciência, em discurso universitarizante e de mestrias, excluo sujeitos, pois ou elimino desejos, ou faço sujeito neutro: não importa de onde vem, o resultado há de ser sempre o mesmo, sempre. Como se livrar do pós-itivismo sem cair em pós-ativismo? Melhor jogar fora sem jogar. Melhor jogar. Sempre jogar. Na ambivalência, na afirmação desafirmante. No jogo jogável – caso se se livre das barreiras de sim ou não, ou de um sem outro. As duas coisas, sempre, bífido e polissêmico. O sujeito não terá sido, e nem será senão – digo –, não será, senão... pura e mera divisão (consorte que seja de reviramento de verso ao inverso, vesso a avesso, vice-versa e versa e vice). Melhor mesmo: não será, senão...

Referências

- BADIOU, A. **Para uma teoria do sujeito: conferências brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- CARSON, A. **Eros: el dulce-amargo**. Buenos Aires: Fiordo Editorial, 1986/2013.
- DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2016.
- EIDELSZTEIN, A. **El origen del sujeto en psicoanálisis**. Del Big Bang del lenguaje y el discurso. Buenos Aires: Letra Viva, 2018.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- FARIA, M. R. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan**. São Paulo: Toro Editora, 2019.
- FERENCZI, S. Georg Groddeck: o explorador de almas. In: FERENCZI, S. **Obras Completas Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- GERBASE, J. A hipótese de Lacan. In: **A peste: Revista de Psicanálise e Sociedade** – LATESFIP/USP, São Paulo, v.1, n.1, p-101-110, jan./jun.2009.
- GRODDECK, G. **O homem e seu isso**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação, 1958-1959**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LACAN, J. **De la structure comme inmixtion d'une altérité préalable à un sujet quelconque**. Conferência em Baltimore, 1966. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2016-3-page-7.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- LACAN, J. Abertura da Seção Clínica [Ornicar? n. 9, 1977, p. 7-14]. **TRAÇO**, ano 1, n. 0, set./out., 1992. Disponível em: <<http://www.traco-freudiano.org/tra-lacan/abertura-secao-clinica/abertura-clinica.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- MAGNO, M. D. **AdRem: primeira introdução à gnômica ou metapsicologia do conhecimento: falatório 2008**. Rio de Janeiro: Novamente, 2014.
- MAGNO, M. D. **Sópapos: 2014**. Rio de Janeiro: Novamente, 2019.
- MARQUES, A. M. Língua. Em: Sete poemas de Ana Martins Marques. **Ruído Manifesto**, 22 de maio de 2019. Disponível em: <<https://ruidomanifesto.org/sete-poemas-de-ana-martins-marques>>.
- MILLER, J.-A. **O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.
- PORGE, Erik, et al. **Manifesto pela psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- QUIGNARD, P. **O nome na ponta da língua**. Tradução: Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2018.
- TEIXEIRA, M. R. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Lacan, uma introdução**. Maringá: Associação de Psicanálise de Maringá Ato Analítico, 2019.

VIVIANI, A. O sujeito pungido. In: **Stylus: Revista de psicanálise**, Rio de Janeiro, nº 20, p. 1-156 abril, 2010.

ZIZEK, S. **Lacan's four discourses and the real**. Saas-Fee, Suíça: European Graduate School Video Lectures, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QHNH2lkrG5w>>.

ABSTRACT

The notion of subject, due to its clinical and epistemological importance, undeniably played a major role in the work and teaching of psychoanalyst Jacques Lacan. Still, despite many theoretical developments derived from this notion, many discussions and confusion occur in its study and treatment. Thus, the following work intends to present a series of reflections and directions that allow the circumscription and specially the outlining of the conceptual elements involved in this broad elaboration. On the other hand, more synthetically, if this work is successful, the reader will have, after its conclusion, an even more fertile notion of such a multiple subject.

Keywords: Subject. Division. Lacan. Psychoanalysis.

RESUMEN

La noción de sujeto, por sus preñeces clínicas y epistemológicas, ocupó incuestionablemente un lugar central en la obra y enseñanza del psicoanalista Jacques Lacan. Y, a pesar de muchos desarrollos teóricos derivados de esta noción, en su estudio y tratamiento se producen muchas discusiones y confusiones. A partir de ahí, el presente trabajo pretende presentar una serie de reflexiones y rumbos que permitan circunscribir y hasta delinear los elementos conceptuales involucrados en esta amplia trama. O, más sintéticamente, si este trabajo tiene éxito, el lector tendrá, al final de su lectura, una noción aún más fértil de un tema tan múltiple.

Palabras clave: Sujeto. División. Lacan. Psicoanálisis.

RÉSUMÉ

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

La notion de sujet, de par ses grossesses cliniques et épistémologiques, occupe incontestablement une place centrale dans l'œuvre et l'enseignement du psychanalyste Jacques Lacan. Et, malgré de nombreux développements théoriques dérivés de cette notion, de nombreuses discussions et confusions surviennent dans son étude et son traitement. Ainsi, le présent travail entend présenter une série de réflexions et d'orientations qui permettent de circonscrire et même d'esquisser les éléments conceptuels impliqués dans cette large élaboration. Ou, plus synthétiquement, si cet ouvrage réussit, le lecteur aura, après l'avoir lu, une notion encore plus féconde d'un sujet aussi multiple.

Mots clés: Sujet. Division. Lacan. Psychanalyse.

ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

Psicanalista.

Tradutor em psicanálise.

Mestre em Psicologia Clínica pela USP.

Membro do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política da USP.

stani-asf@hotmail.com

Orcid: 0000-0002-0989-3613

LAERTE DE PAULA

Psicanalista.

Mestre em Psicologia Clínica pelo Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP.

Trabalha como docente em atividades de formação e transmissão da psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP).

laertedepaula@gmail.com

Orcid: 0000-0003-0093-5829

IVAN RAMOS ESTEVÃO

Psicanalista.

Doutor em Psicologia Clínica pela USP

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do IP-USP

Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade da USP

Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

irestevao@usp.br

Orcid: 0000-0002-0191-3253

Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?

Citação:

SILVA FILHO, Estanislau Alves da; PAULA, Laerte de; ESTEVÃO, Ivan Ramos. Entre o quê e o quê o sujeito é dividido?. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, ago. 2022.

Submetido: 04.08.2021 / Aceito: 03.08.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

